

POR UMA INCLUSÃO SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NÚMERO

Andreia Rodrigues Rocha, IME-USP, andrea.rodrigues.rocha@usp.br
Caroline Takahashi de Freitas, IME-USP, caroline.takahashi@gmail.com
Daniela Gratner Schuck, IME-USP, daniela.schuck@usp.br
Felipe Cavalcante Gatti, IME-USP, felipe.gatti@usp.br
Jacqueline Andrade Santos, IME-USP, jacqueline.andrade.santos@usp.br
Marina Muniz Campelo, IME-USP, marina.campelo@usp.br
Raiza Cristina Sorrini Medeiros, IME-USP, raiza.medeiros@usp.br¹
Profa. Bárbara Corominas Valério, IME-USP, barbarav@ime.usp.br²

Resumo

O presente trabalho apresenta o projeto desenvolvido com crianças deficientes intelectuais de uma escola municipal da zona oeste da cidade de São Paulo. O projeto surgiu a partir da preocupação de uma professora de matemática da escola, onde a inclusão não se fazia eficaz. A partir de observações e aplicação de atividades diagnósticas constatou-se que seria necessário trabalhar com os alunos a construção do conceito de número, pois eles ainda não haviam entendido o seu significado. Depois de um detalhado estudo sobre cada deficiência e os conteúdos a serem trabalhados, foram desenvolvidas e aplicadas atividades voltadas para conceitos iniciais de matemática.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência Intelectual. Matemática.

Introdução

Neste trabalho descrevem-se as atividades desenvolvidas por 7 bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), programa financiado pela CAPES, junto a uma escola municipal da zona Oeste de São Paulo.

O projeto, desenvolvido desde março de 2014, surgiu da preocupação da professora de matemática da escola, supervisora do projeto, com os alunos deficientes intelectuais. Esta percebeu que a escola oferecia muito pouco a estes alunos, e que eles precisavam de uma atenção individual. O projeto é desenvolvido com 9 alunos com idades entre 10 e 14 anos, tendo um 23 anos.

¹ Estudantes do Curso de Licenciatura do IME-USP, bolsistas PIBID.

² Coordenadora do PIBID no IME-USP.

Desenvolvimento

Iniciou-se conhecendo cada aluno, seguindo para a pesquisa de seus históricos e conversa com os professores, passando-se então ao estudo de cada síndrome separadamente. Paralelamente, acompanhamo-los sem tirá-los das atividades usuais, apenas observando seu comportamento e desenvolvimento no contexto escolar. Participam alunos com síndrome de Down, autismo, epilepsia, transtornos globais de desenvolvimento (TGD) e alguns não têm laudo definitivo.

Após esta etapa inicial, foram aplicadas atividades diagnósticas e a partir de seus resultados estudamos textos sobre inclusão e deficiência intelectual, além de conceitos anteriores à construção do número, visto que muitos dos alunos não haviam sido alfabetizados matematicamente.

Desta forma, foram elaboradas atividades que trabalhavam os conceitos de correspondência, comparação, classificação, sequenciação, seriação, inclusão, conservação e quantificação além de atividades complementares envolvendo a noção de tempo, coordenação motora, manipulação de dinheiro e trabalho com o *tangram*.

Diante das respostas às atividades, houve uma reformulação na aplicação das mesmas, respeitando o conhecimento e as características de cada um.

A evolução do aluno se mostrou não só no âmbito da matemática. O trabalho permeia a escrita, oralidade, coordenação motora, capacidade de análise. Desse modo, notícias de que o aluno tem se mostrado mais motivado, participativo, dadas por pais e professores, são também resultados. Há ainda aqueles que começaram a acompanhar suas respectivas turmas.

Neste contexto, para os alunos, o projeto foi diferencial, visto que a escola não possui estrutura para receber de forma adequada o contingente de deficientes intelectuais. O projeto deu, ainda, a oportunidade de estudo, aos bolsistas, de uma área pouco explorada na nossa grade curricular.

A oportunidade do contato com a realidade na escola pública nos mostrou que não só os alunos ditos inclusivos devem ser incluídos. Nos demos conta de que muitos dos cuidados que tomamos para atender nossos alunos ajudariam consideravelmente no processo educativo daqueles que se tornam excluídos, na medida que, ficam aquém dos demais nas atividades diárias.

A proposta do projeto é que a produção fique na escola e colabore para o processo de aprendizagem diária, no trabalho em grupo e individual, não só dos alunos deficientes intelectuais, mas para todo aluno que apresente dificuldades similares.

Referências

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ser ou estar, eis a questão: uma tentativa de explicar o que significa o déficit intelectual**. Revista Pro-posições: editoria da Faculdade de Educação da Unicamp. Volume 5, número 2 (14).

WERNER, Hilda Maria Leite. **O processo da construção do número, o lúdico e TIC's como recursos metodológicos para criança com deficiência intelectual**. Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2443-6.pdf>.